

**E SE SÓCRATES
(O FILÓSOFO)
FOSSE PROFESSOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA?**

WH!TEBOOKS

Ficha técnica

Título

E se Sócrates (o filósofo)
fosse professor de educação física?

Autores

Alberto Oliveira Monteiro
*Univ. Federal do Rio Grande do Sul,
Brasil*

António Camilo Cunha
*Instituto de Educação da
Universidade do Minho, Portugal*

Coleção

Educação e Movimento Humano
(Textos Curtos)

Capa e design

Carlos Gonçalves

Impressão e acabamento

Whitebooks

Depósito legal

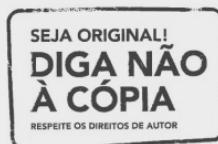
478942/21

ISBN

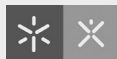
978-989-8765-67-3

Data

1ª Edição, Santo Tirso, janeiro de 2021



Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e co-financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) no âmbito do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562;



Universidade do Minho
Instituto de Educação
Centro de Investigação em
Estudos da Criança (CIEC)

Co-financiado por: POCI-01-0145-FEDER-007562



Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação para a Ciência e a Tecnologia

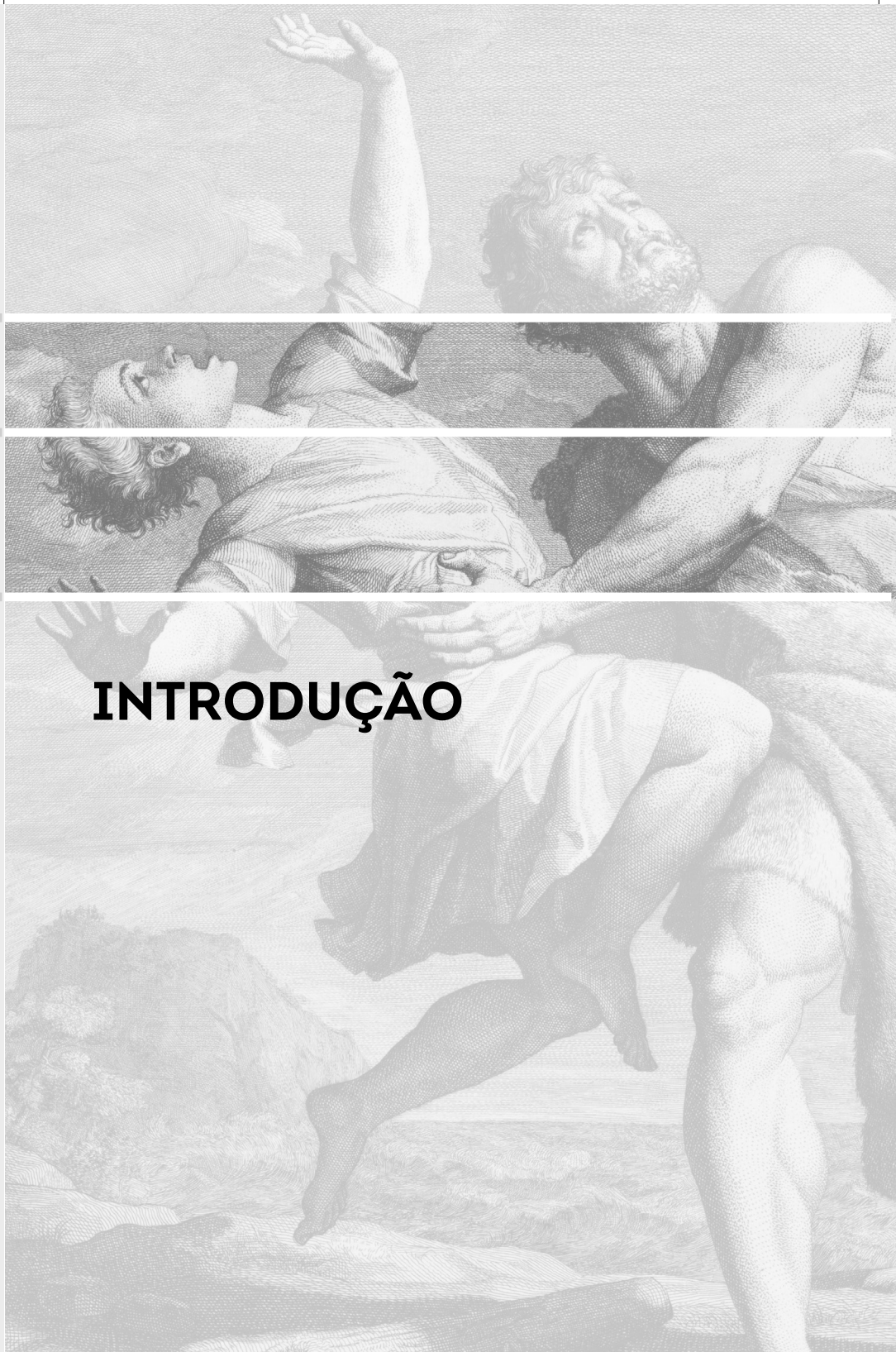
© WHITEBOOKS
Rua de S. Bento, 93, 6º andar, sala 3
4780-546 Santo Tirso – Portugal
geral@whitebooks.pt
www.whitebooks.pt

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS.
Esta edição não pode ser reproduzida nem
transmitida, no todo ou em parte, sem
prévia autorização escrita da editora.

ÍNDICE

1.		
INTRODUÇÃO	7
2.		
PONTO DE PARTIDA ...E DE CHEGADA	13
3.		
SÓCRATES: O MESTRE DO CONHECIMENTO E DA SABEDORIA	21
3.1. Sócrates e a Paideia desportiva	25
3.2. Sócrates e a ética da superação	29
3.3. A dialética socrática e a cultura desportiva	31
4.		
UM OLHAR QUE NÃO É FINAL	41
4.1. Vamos repor a pergunta: e se Sócrates (o filósofo) fosse professor de Educação Física?.	44
REFERÊNCIAS	49
Sites	51





INTRODUÇÃO

the 1990s, the number of people in the UK who are aged 65 and over has increased from 10.5 million to 13.5 million (19.5% of the population).

There are a number of reasons why the number of people aged 65 and over has increased. One of the main reasons is that people are living longer. The life expectancy at birth in the UK is now 77 years for men and 81 years for women. This is a significant increase from the 1950s, when life expectancy at birth was 71 years for men and 75 years for women.

Another reason why the number of people aged 65 and over has increased is that people are having children later in life. This means that there are more people aged 65 and over who have children who are still alive.

There are a number of other reasons why the number of people aged 65 and over has increased. These include the fact that people are getting married later in life, and the fact that people are having fewer children.

The increase in the number of people aged 65 and over has a number of implications for society. One of the main implications is that there is a need for more social care services for older people.

There are a number of ways in which society can meet the needs of older people. One way is to provide more social care services. This can be done in a number of ways, including providing more care homes, and providing more home care services.

Another way in which society can meet the needs of older people is to provide more financial support. This can be done in a number of ways, including providing more state pensions, and providing more private pensions.

There are a number of other ways in which society can meet the needs of older people. These include providing more housing for older people, and providing more transport services for older people.

The increase in the number of people aged 65 and over is a significant demographic change. It is important that society takes steps to meet the needs of older people, and to ensure that they can live well into old age.

There are a number of ways in which society can meet the needs of older people. One way is to provide more social care services. This can be done in a number of ways, including providing more care homes, and providing more home care services.

Another way in which society can meet the needs of older people is to provide more financial support. This can be done in a number of ways, including providing more state pensions, and providing more private pensions.

There are a number of other ways in which society can meet the needs of older people. These include providing more housing for older people, and providing more transport services for older people.

The increase in the number of people aged 65 and over is a significant demographic change. It is important that society takes steps to meet the needs of older people, and to ensure that they can live well into old age.

There are a number of ways in which society can meet the needs of older people. One way is to provide more social care services. This can be done in a number of ways, including providing more care homes, and providing more home care services.

Another way in which society can meet the needs of older people is to provide more financial support. This can be done in a number of ways, including providing more state pensions, and providing more private pensions.

There are a number of other ways in which society can meet the needs of older people. These include providing more housing for older people, and providing more transport services for older people.

The increase in the number of people aged 65 and over is a significant demographic change. It is important that society takes steps to meet the needs of older people, and to ensure that they can live well into old age.

There are a number of ways in which society can meet the needs of older people. One way is to provide more social care services. This can be done in a number of ways, including providing more care homes, and providing more home care services.

Another way in which society can meet the needs of older people is to provide more financial support. This can be done in a number of ways, including providing more state pensions, and providing more private pensions.

There are a number of other ways in which society can meet the needs of older people. These include providing more housing for older people, and providing more transport services for older people.

The increase in the number of people aged 65 and over is a significant demographic change. It is important that society takes steps to meet the needs of older people, and to ensure that they can live well into old age.

There are a number of ways in which society can meet the needs of older people. One way is to provide more social care services. This can be done in a number of ways, including providing more care homes, and providing more home care services.

Another way in which society can meet the needs of older people is to provide more financial support. This can be done in a number of ways, including providing more state pensions, and providing more private pensions.

There are a number of other ways in which society can meet the needs of older people. These include providing more housing for older people, and providing more transport services for older people.

The increase in the number of people aged 65 and over is a significant demographic change. It is important that society takes steps to meet the needs of older people, and to ensure that they can live well into old age.

INTRODUÇÃO

Este ensaio busca aproximar a filosofia socrática ao campo da Educação Física. Desta forma, partimos da seguinte indagação: E se Sócrates fosse professor de Educação Física?¹ Para refletir sobre esta questão, tentámos, pela literatura clássica, especialmente naquilo que foi dito, através das suas obras, por Platão e Xenofontes, estabelecer possíveis interpretações para este questionamento. Sócrates aconselharia a não aceitar nada que não passasse pela análise, segundo a razão e mediante o exame. Deste modo, exigiria que vivêssemos conscientemente, convidando-nos a sermos responsáveis pelos nossos atos, a realizar bem o que cada um é, sempre dentro do contexto humano. Com certeza, para Sócrates, a pedagogia da educação física, desportiva, não deveria deixar-se levar por nenhum dogma, ceticismo, passionalidade e isolamento. Deste modo, a Paideia desportiva deve ter um caráter plural e ser sustentada por um ideal de autoaperfeiçoamento, o que nos permite interpretar que a lição mais profunda da sabedoria socrática seria a restauração do ideal sagrado do movimento

1 Este livro é uma versão atualizada, ampliada e melhor discutida de um texto de Monteiro (2020) intitulado "E se Sócrates (o filósofo) fosse professor de educação física?". Tomando como referência a teoria socrática, o livro irá fazer o elogio à educação física e ao desporto convocando várias dimensões. Destacamos a educação/paideia grega, a competição enquanto afirmação e superação, a ética, a cultura, a dialética como conhecimento argumentativo e transcendental. Mas, também, o livro abre portas (tomada de consciência) de que a educação física e o desporto são do campo da vontade, do conhecimento argumentativo e experiencial/imaneente na linha aristotélica e kantiana. Se quisermos, a educação física e o desporto, o corpo e o movimento, como bons argumentos na ligação entre "o cá de baixo" e "o lá de cima".

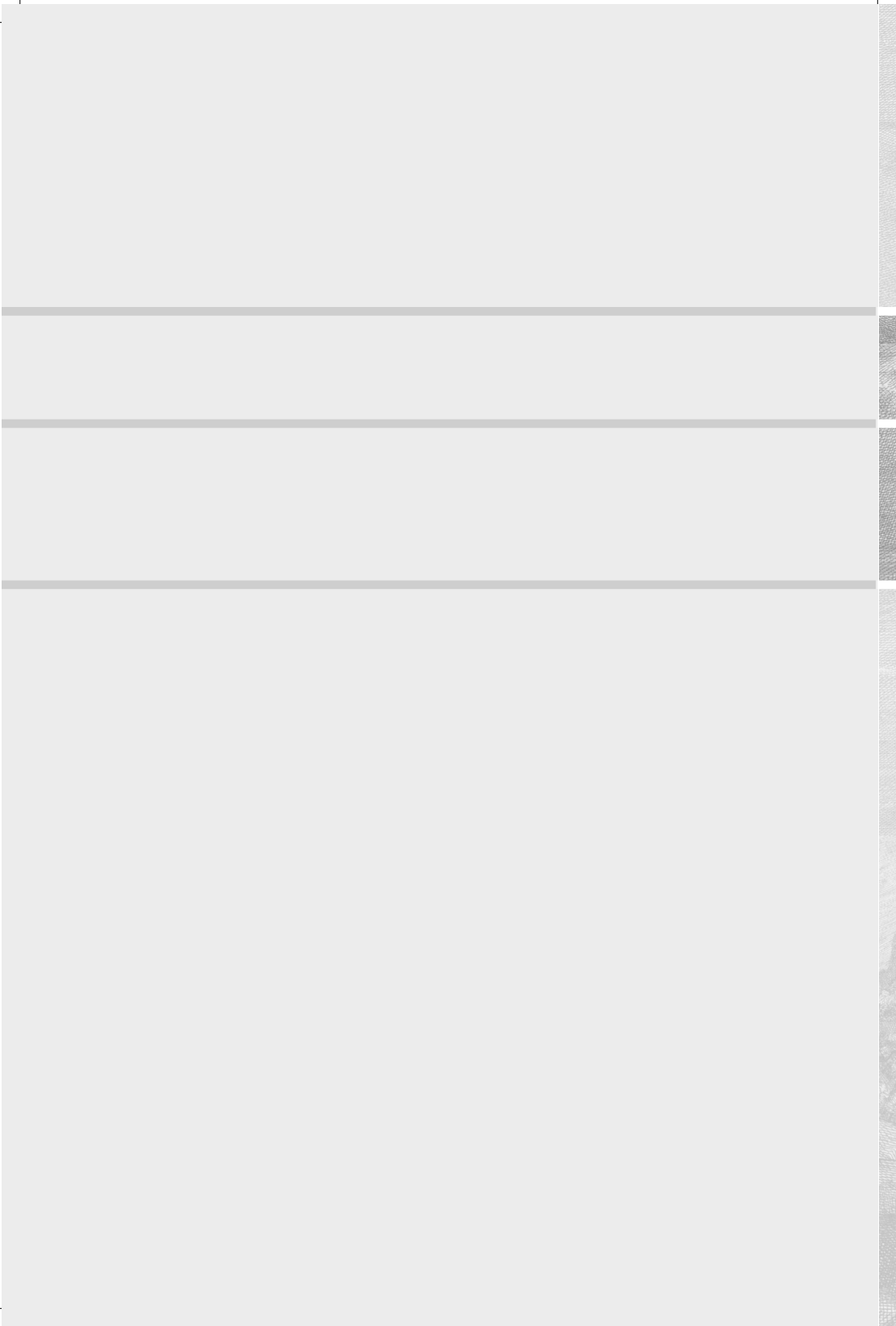
agónico, no qual o adversário que interessa vencer somos nós mesmos e, ao vencermo-nos, estaríamos a ser *mais humanos*.

Do ponto de vista teórico-prático, consideramos, ao longo do texto, a educação física e o desporto no mesmo patamar existencial. A educação física e o desporto têm uma relação íntima e inseparável, diríamos, umbilical. Enquanto o desporto tem a sua origem no mundo mítico, na competição entre os deuses (o simbólico), a educação física é uma invenção do humano (logos), fazendo parte, aliás, a do projeto educativo helénico. Neste âmbito, talvez possamos afirmar que o desporto e a educação física ajudam a ilustrar também uma das grandes passagens do entendimento humano: do mito ao *logos*. Assistimos, então, a uma educação física que, pela sua condição e missão, assume um carácter eclético e inclusivo, sendo do campo da aprendizagem, conhecimento e da relação (axiológica); o desporto, por seu lado, constitui-se como uma das suas particularidades, continuando a convocar uma das grandes manifestações da existência humana - a competição² (o agónico).

² Existem muitas representações sobre a ideia de *competição* quer no plano geral, quer no plano educativo, pedagógico em particular. Camilo Cunha (s/d), ao fazer uma sistematização das essências do *Movimento Humano*, refere que a dimensão agónica, competição, é um processo, um produto e um fim. A competição, tal como o brincar e jogar, é também primeiramente uma manifestação fenomenológica - competir para sobreviver, para ter poder, possuir território, alimento, reprodução. O homem (criança) e os animais agem assim, parecendo haver primeiramente uma 'razão/força' fenomenológica, uma força da totalidade que leva o homem e os animais a competirem. Todavia, também emerge, em seguida, um outro patamar que olha para a competição como uma mola de impulso para o Homem *Ser Mais*. A humanidade descobriu na competição, desporto, a oportunidade de *Ser Mais* - ser mais real, simbólico. É nesta ideia de competição que encontramos palavras (a palavra como ação) como resiliência, trabalho, superação, regulamentos, regras, treino, técnica, tática, estratégia, dedicação, esforço, rendimento, paixão (viva Sisífo!), ir mais além, aceitando a nossa finitude. Uma das reuniões humanas onde este sentido aparece é nos *Jogos Olímpicos* pois, além de cumprir a máxima olímpica - *citius-altius-fortius* - pela competição, cumpre-se também momentos de *afirmação* ideológica, económica, política, diplomática, em paralelo com a sua força simbólica e metafórica. Por exemplo, de acordo com Lovisolo (1995), a corrida desportiva (no sentido competitivo) foi útil para sublimar (*cartarse*) o enfrentamento armado, constituindo-se, assim, como um efeito civilizador já referido por Elias,

Com a competição, emergem manifestações particulares como treino, repetição, resultado, vitória, derrota, afirmação, vontade, catarse, superação, agressividade, paz, harmonia, sacrifício, evolução, corpo, alma, espírito, entre outras. Na competição, está, portanto, inscrita a ideia de *Homem-Todo* – sensível, inteligível, imanente e transcendente. Assim, quando falamos em educação física, falamos em desporto e quando falamos em desporto, falamos em educação física, uma dialética inseparável e intemporal. Teremos, neste texto, oportunidade de expor algumas destas ideias na companhia de Sócrates.

(1992). Além da visão socrática sobre a problemática educativa (como vamos expor), a *competição*, neste contexto pedagógico-educativo, tem defensores em sentidos contrários, mas também complementares. Alguns desses sentidos são: i) a defesa (o elogio) da competição como condição inerente ao homem e como uma forma de preparação para a vida, atendendo ao seu valor educativo, mimético já que a competição, inserida nas figurações da prática do desporto, mimetiza a sociedade na qual está inserida, agindo, no entanto, de forma menos violenta e controlando melhor o aparato pulsional (Elias & Dunning, 1986); ii) a crítica da competição pelo facto de levar a mecanismos de rendimento, exploração – características do trabalho, da mentalidade capitalista e de uma cultura economia e política centradas na produtividade; iii) a competição como papel modernizador, democrático, assente na igualdade de oportunidades e fazendo do movimento humano (desporto) um campo fundado no mérito, na justiça, na equidade, nas oportunidades (alternância entre o vencer e o perder), mitigando, assim, as relações de favorecimento pessoal e grupal – hierarquias, poder, 'compadrio',... (Damatta, 1982, 1994); iv) a competição como uma ideologia (sociedade capitalista e liberal) abre desconfianças ao papel agónico como mobilizador do tornar-se pessoa; v) a competição (desporto) mergulha num dilema: se por um lado, pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo por intermédio do fair-play, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco, pode, no entanto, perpetuar e promover a agressão, a brutalidade e o sadismo,... em particular daqueles que não compreendem (não praticam) o esforço e a disciplina (Adorno, 1995). A educação física e o desporto participam destas dinâmicas (que gostaríamos de ver positivas).





**PONTO DE PARTIDA
...E DE CHEGADA**

PONTO DE PARTIDA ...E DE CHEGADA

A personagem central que inspira este ensaio, como pode ser percebido pelo título, não é o ex-atleta de futebol do Corinthians e da Seleção Brasileira, embora este, atendendo à sua biografia desportiva, talvez também pudesse inspirar um ensaio filosófico, o Sócrates, a que nos referimos é aquele que muitos consideram o maior filósofo do mundo ocidental.

A sua vida começou no ano de 469, 470 (século V a.C.). Filho de um escultor (Sofronisco) e de uma parteira (Fenareta) cuja tarefa, naquela época, era a de ajudar as amigas a dar à luz. Como os jovens do seu tempo, Sócrates foi educado pela música, poesia e atividades físico-desportivas (O Banquete, 217). Na sua juventude, praticou a arte do pai, depois, e durante toda a sua vida, perpetuou a arte da sua mãe, embora não para fazer nascer crianças, mas para dar à luz (maiêutica), em todos os indivíduos, o conhecimento de si mesmo, a verdadeira educação.

Na vida adulta, casou-se com Xantipa e foi pai de três filhos. Tinha uma constituição física especialmente forte, uma fantástica resistência, uma determinação inabalável e era indiferente à riqueza e ao poder dos homens (temporal). A sua dedicação à sabedoria vale-lhe, até aos nossos dias, o título de exemplo inquestionável do estilo de vida adequado ao filósofo, de tal forma elevado que inspirou Platão a afirmar que o seu mestre era o exemplo do homem que detém a *aretê*¹. Por isso mesmo, aparece também como modelo e como ideal de um professor.

¹ *Aretê* é um dos primeiros termos ligado à ideia de *Paideia* e que exprime o ideal de formação social grego - adaptação perfeita, excelência, virtude. Formulado e explicitado nos poemas homéricos, a *aretê* era entendida como um conjunto

Sócrates combateu, por mais de uma vez, no campo de batalha e foi, em determinada ocasião, considerado um herói de guerra: salvou um amigo e, no momento de receber a homenagem, ofereceu todas as honras a Alcebiades que tinha salvo.

Mesmo sendo um mestre, um professor, um modelo e um ideal humano, esta personalidade da filosofia teve que enfrentar, no ano de 399 a.C., aos 70 anos, um julgamento, quando foi condenado à morte, sendo acusado de corromper os jovens e de introduzir novos deuses nos costumes religiosos da cidade. Logo depois, estando preso, mesmo sob a insistência dos amigos, recusou-se a fugir, enfrentando, serenamente, a morte por envenenamento.

A lição de Sócrates foi extremamente profunda e representativa da aretê (*virtude*), dando um testemunho aos homens da importância de uma firme defesa da verdade, do enaltecimento da dignidade humana, da valorização da justiça como também da inabalável serenidade, simplicidade de espírito e grandeza da alma.

Sócrates conduzia a investigação sobre a alma humana (Ser)², mas não deixou nenhuma lição literária. Preferiu, de outro modo,

de qualidades físicas, espirituais e morais, atributo próprio da natureza (como por exemplo, a bravura, coragem, força, destreza, eloquência, capacidade de persuasão, enfim a heroicidade). O alargamento do ideal educativo da aretê surgiu no fim da época arcaica grega (por volta dos séculos VIII e VII a.C.), traduzindo-se na expressão "kalos kagathos" (kalos = bom, kagathos = belo: o bom e belo, em grego) da qual deriva o termo kaloskagathia ou, grosso modo, o cultivo da bondade ou virtuosismo e da beleza, sendo o homem estimulado a alcançar a excelência física e moral, além da honra e da glória (Santiago, 2018).

² A propósito da *Alma* e do *Ser*, a *Alma* é o princípio suscetível de animar a matéria, de lhe conferir *Vida*, de lhe dar *Ser*. Aristóteles (*Da alma - de anima*) distingue *alma vegetativa* (comum a todos os seres vivos); *alma sensitiva* (que produz a sensação e a sensibilidade nos animais e no homem) e *alma racional* (princípio do pensamento do homem). Descartes (2002) com o 'seu dualismo', faz o elogio à *alma racional*, substância pensante (*res-cógitio*), em detrimento da *alma sensitiva* que se identifica com o corpo (*res-extensa*). Há ainda a ideia de uma alma com uma identidade universal, uma consciência e espírito individual e universal contendo o *anima/animus*, sopro vital do pensamento e do espírito original, arquetipal na sua intemporalidade. Durozoi & Roussel (2000) defendem que a ideia de *Ser* se funda na metafísica desde Parmênides, onde se afirma que o *Ser* é. Aristóteles, por seu lado, refere que é difícil definir o que é o Ser (O

particularmente no interior dos ginásios - centro de atividades físicas e desportivas, discursos e de leituras e debates sobre obras escritas (Pausânias, IV, 24, 7) - desenvolver a sua tarefa através do método dialético³ e da maiêutica, inquirindo. Efetivamente, era seu hábito não transmitir conhecimento mas, sim,

que é o Ser?), adiantando, no entanto, que o Ser seria "omais comum e o mais radical", constituindo-se como horizonte da existência particular, aspeto que será convocado pelo Cristianismo: o Ser que caminha em direção a Deus - *Ser e Deus*. Georg Hegel, por seu turno, adianta que o *Ser* é idêntico ao *Não-Ser*, na medida em que nada do que dele se diz coincide com ele, fazendo do *Deuir* o campo fértil que lhe dá capacidade de *Ser*. Outros autores aludem à *Ontologia do Ser*: Martin Heidegger, por exemplo, relata que o homem é, sem dúvida, "o pastor do ser" e Jean Paul Sartre alude ao ser como manifestação ôntica - qualidade do Ser. Apesar da problemática do *Ser* se apresentar complexa, há, no entanto, caminhos complementares: Ser como existência; Ser que procura uma nova e melhor existência; Ser, sendo; Ser em caminhada... que poderá vir a Ser para Omega, na perspetiva de Teilhard de Chardin (2012). Enfim, a Educação Física e o Desporto dizem e transformam o Ser.

³ Como premissa central, pode-se dizer que a *dialética* é a arte do diálogo. Quando a abordamos no sentido mais amplo, constatamos que ela tem uma história. Começa com Zenão de Eleia, passando por Sócrates (nosso companheiro de viagem), Platão, Aristóteles, ... até aos nossos dias. Com Sócrates, a dialética assenta num diálogo interior e exterior, perguntas, 'partos', dores e alegrias. Com Platão (*República - Alegoria da Caverna*), a dialética é vista como forma de descobrir, ter acesso à ideia de Bom - *Dialética ascendente* - e/ou trazer esse Bem para a vida quotidiana - *Dialética descendente*. Com Aristóteles (anti-platónico), a dialética centra-se nos raciocínios elaborados a partir de opiniões simplesmente prováveis. Kant (1989) considera a *dialética transcendental* assente na ideia de que é possível ao espírito humano ultrapassar a realidade imanente, empírica, e aceder ao transcendente pela capacidade de possuir um *apriori* que o conduz ao conhecimento do mundo, da alma, de Deus. Na idade média, a dialética é influenciada pelo pensamento aristotélico - *Analíticos* - assente na lógica formal, na gramática e na retórica. Com Hegel (2002), com o seu idealismo, a dialética é considerada como lei do pensamento e do real que, progredindo por meio de *negações sucessivas* (afirmação - tese; negação - antítese), resolve as contradições, acedendo a *unificações* - sínteses, que são sempre parciais e preparadas para serem novamente superadas. Este é o fundamento da evolução espiritual da humanidade - ao encontro de... 'Deus', já que é o espírito e a ideia que determinam o real. Marx (1990) pegana mesma estrutura e aplica-a a acontecimentos reais (terrenos), fenómenos históricos e sociais, em particular da dimensão económica, laboral, classes (materialismo histórico). No séc. XX, a dialética tenta compreender novas geometrias: os fenómenos da complexidade, da fragmentação, das singularidades, dos contextos, ... e, em particular, a evolução científica e os problemas sociais, ecológicos, agora,

fazer *nasc*er, pela indagação, os indícios de sabedoria em todos aqueles que estivessem prontos para a contemplação da alma. Ao contrário dos sofistas, Sócrates não cobrava por isso sentindo-se recompensado quando conseguia que os seus inquiridos galgassem estádios mais elevados do grande conhecimento. A sua tese, baseada no dito délfico era 'Conhece-te a ti mesmo'. O verdadeiro saber era, portanto, o conhecimento sobre si, não como um nome nem uma forma mas na sua essência divina. Todos os demais conhecimentos seriam considerados como caminhos pelos quais se poderia gradativamente acercar-se das instâncias sublimes, dos valores mais elevados e das camadas mais profundas da alma – que diziam o Ser Humano.

Sócrates, atendendo à sua importância para a história da filosofia e da educação,⁴ é considerado um 'divisor de águas', havendo, assim, o que se convencionou chamar uma filosofia pré-socrática e uma filosofia pós-socrática.

Com todos estes requisitos, consideramos que seria uma honra para nós, que fazemos da Educação Física a nossa arte de educar, tomarmos como referência o pensamento filosófico do mais nobre dos sábios do ocidente e, refletindo sobre o seu

globais. A Educação Física e o Desporto também contribuem, indubitavelmente para esta dialética.

⁴ Como temos vindo a constatar, Sócrates foi uma referência no *pensar e agir educativo*, assente na sua maiêutica, na sua dialética, na sua racionalidade, no conhecer e construir da alma (que é também corpo) humana. Neste contexto, também não devemos esquecer outros filósofos/pensadores que, através de uma hermenêutica interpretativa e inovadora, mas também histórica e cultural, deram os seus contributos. Alguns exemplos são, tomando como referência Santos (2014): o logos em Heráclito; o parâmetro humano em Prótagoras; o projeto político-pedagógico em Platão, que se inspira em Sócrates – República de Platão –, não esquecendo as ideias de *episteme*, *eunoia*, *parresia* que sustentam a ideia de ensinar a aprender e aprender a ensinar; a problemática do ócio em Aristóteles; os defeitos do homem, o 'pecado', em Santo Agostinho; As novas ideias (pedagógicas) para a Universidade em Tomás de Aquino; a dúvida metódica, meditativa (educativa) em René Descartes; uma educação pensada em Karl Marx; a crise na educação em Hannah Arendt; sem esquecer outras grandes referências como Rousseau (*Emílio*) ou movimentos como a escola nova, escola moderna, etc.

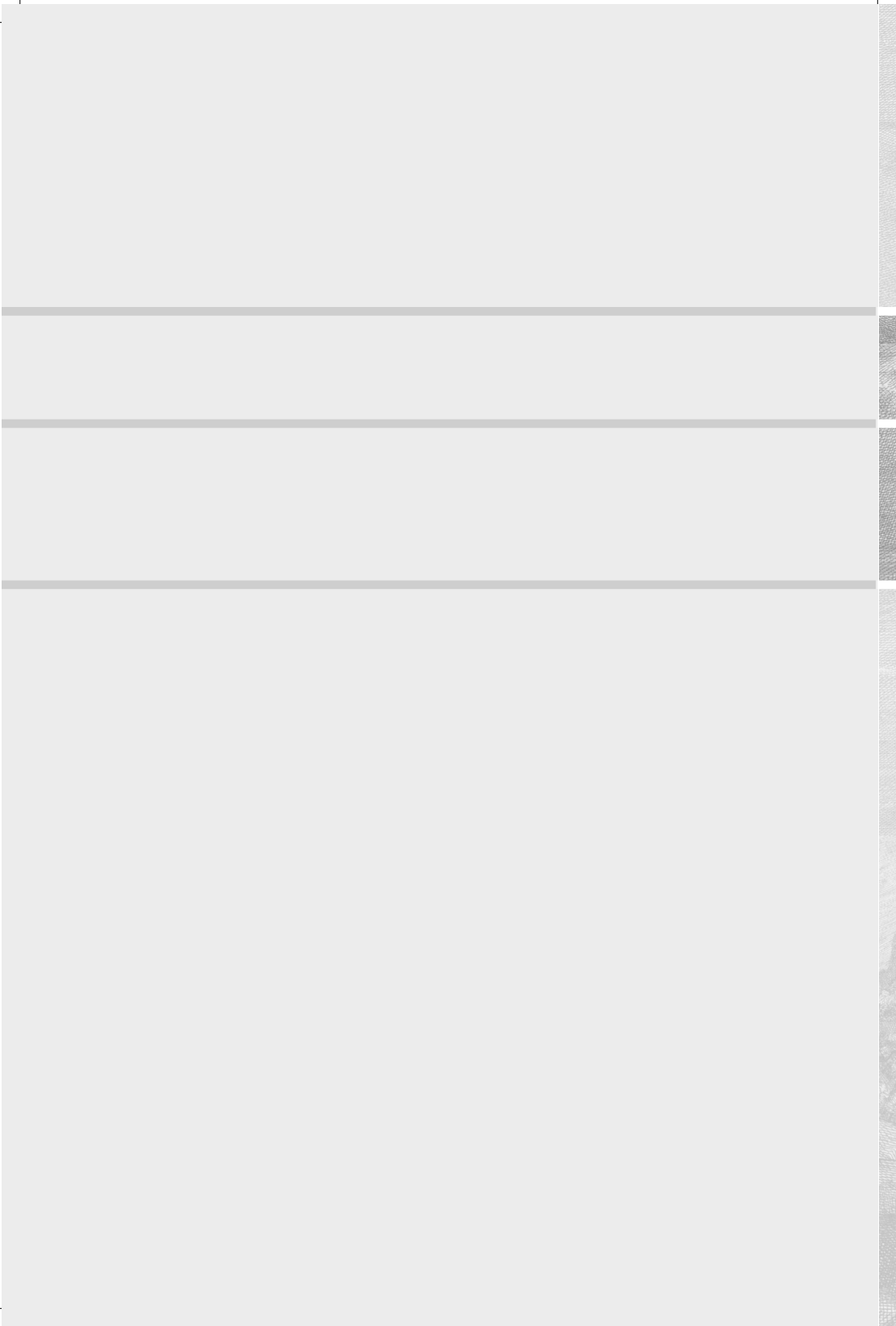
A educação física e o desporto dão também o seu contributo nestas visões diferenciadas mas, porventura, complementares de olhar a educação.

importante legado, extrairmos ensinamentos para a nossa prática educativa. Assim, seguindo por este caminho, levantamos as seguintes indagações: E se Sócrates fosse professor de educação física? Quais seriam as suas orientações nesta matéria? Qual seria, na sua visão, o verdadeiro sentido das práticas físicas e desportivas?

O desporto e a filosofia foram postos em evidência, para o mundo ocidental, pela Grécia Antiga. Ambos serviram de marco cultural para a sociedade grega e continuam a influenciar-nos até hoje. O primeiro, cujos indícios remontam a 776 a.C. e que tanta importância teve na Antiguidade, serviu de modelo para Pierre de Coubertin ao criar os jogos olímpicos da Era Moderna em 1896⁵. A segunda floresceu no século VI a.C. e, desde então, tem-nos ocupado com questões e ensinamentos fundamentais sobre o homem e a sociedade. Ao longo da história, estas duas importantes criações humanas - filosofia e desporto - têm sido, frequentemente, colocadas de maneira apartada, mesmo em pólos opostos. Este distanciamento e, por vezes, oposição, é desnecessário e tampouco desejável. Neste sentido, pareceu-nos plenamente justificável empreender uma reflexão, à luz do pensamento de Sócrates, que aproximasse desporto e filosofia.

Para realizarmos esta empreitada e considerando que Sócrates não deixou nada por escrito, fundamentámos a nossa reflexão nos escritos de Platão e Xenofonte, autores ilustres, contemporâneos do filósofo da maiêutica e reconhecidamente ligados a ele, cujas obras apresentaram a visão e os ensinamentos do eminente filósofo. Em Platão, tomámos como referência diálogos *Górgias*, *O Banquete*, *A República*, *Protágoras*, *Apologia de Sócrates* e *Laques*. Em Xenofonte, baseámo-nos na obra *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*.

⁵ Na atualidade, o desporto é uma das manifestações culturais mais presentes na vida das pessoas, fazendo também parte da *indústria cultural* com uma dimensão fortemente económica.





**SÓCRATES: O MESTRE
DO CONHECIMENTO E
DA SABEDORIA**

the 1990s, the number of people in the UK who are aged 65 and over has increased from 10.5 million to 13.5 million (19.5% of the population).

There is a growing awareness of the need to address the needs of older people, and the Government has set out a strategy for the 21st century in the White Paper on *Ageing Better: The Government's Strategy for Older People* (Department of Health 2000). This paper sets out the Government's strategy for older people, and the Department of Health's role in this strategy.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

The Department of Health is committed to ensuring that older people are able to live well, and to meet their needs for health and social care.

SÓCRATES: O MESTRE DO CONHECIMENTO E DA SABEDORIA

Sócrates, como mestre da vida, procurou fazer com que as pessoas pensassem e orientava-as para saber como raciocinar, ou seja, como viver cada circunstância racionalmente e não se deixar levar pelas paixões (Adorno, 2002), sendo uma formação, endereçada a todos, para o saber pensar (ginástica do raciocínio) e, por esta prática, garantir uma auto e permanente educação. Funcionava como um convite para que cada um fosse ele próprio e, através de um processo eminentemente íntimo, se conhecesse a si mesmo. Conhecer, conhecer-se e ser sábio¹ seria, então, a missão do homem.

Convém esclarecer, pela pena de Adorno (2002) ao considerar a interpretação de Maier, que a filosofia socrática não era metafísica, dogmática ou cética e muito menos ciência popular mas, sim, uma investigação da vida ética² pessoal, representada pela

¹ A Sabedoria é algo que está acima da informação e do conhecimento, seja o conhecimento científico ou o conhecimento mais geral - gnoseologia. A sabedoria tem a ver com o conhecimento perfeito. É uma das quatro virtudes cardeais em Platão. Condição de acesso à felicidade muito apreciada pelos estoicos e epicuristas. Hegel (1991) considera o saber (sabedoria) como utopia do saber absoluto e o indivíduo como o primeiro exemplo a ser imitado, seguido. A sabedoria é perspectivada como domínio de si - prudência, moderação nos desejos, cuidado, habilidade na ação, sobriedade, *caminho do meio*. A educação física e o desporto apresentam-se também como *locus* onde se pode desenvolver a sabedoria.

² De uma forma simples e sucinta, podemos dizer que a ética faz parte da dimensão axiológica e tem como fundamento a ação, a boa ação. Diz respeito aos *máximos* de ação, de prática. É, na perspectiva de Levinas (2002), a manifestação

ação humana em fazer bem o que deve ser bem feito, tanto em relação a si mesmo como em relação aos outros, cujo resultado fosse fruto da inteireza humana.

Entende-se, então, que, para Sócrates, o sentido da atividade do professor, muito antes de ser uma incumbência profissional, estava relacionado com o ensino e revestia-se de uma missão espiritual (Carvalho, 1989).

Baseado naquilo que chamava de revelação divina, Sócrates era conhecido por oferecer, permanentemente, conselhos aos seus amigos, aos jovens e a todos os que procurasse dele algum tipo de orientação. Aqueles que acatavam as suas recomendações, descreve Xenofonte (I, I, 4-5), obtinham êxito, enquanto os que não o ouviam, acabavam por se arrepender. Todo aquele, que pensa que possui o controle sobre as diferentes esferas do entendimento e da ação humanas e que nada nelas ultrapassa nossa razão, é um insensato, sentenciava o filósofo ateniense (Xenofonte I, I, 9-10). Mesmo que a inspiração para aconselhar viesse dos deuses, o filósofo assegurava que há matérias sobre as quais o ser humano, através da reflexão, ponderação e análise, é quem deve decidir, por exemplo: é preciso ser um atleta experiente para manusear uma espada, um peso, um carro, um *skate*, entre outros; é necessário um bom professor, entre eles o de educação física, para dirigir bem uma aula, uma atividade e um treino. Para Sócrates, indagar os deuses em tais situações seria uma atitude profana pois o que os deuses nos concederam realizar mediante a aprendizagem, cabe-nos aprender. (Xenofonte I, I, 9-10). Cabe, portanto, aos professores ensinar bem!

Para o nosso mestre da sabedoria ocidental, o homem é homem na medida em que atua e a sua atividade é a que ele desenvolve na sociedade através do seu trabalho cotidiano, ou seja, fazendo bem aquilo que faz. Por isso, é preciso que se faça o que se sabe fazer e, para fazer bem o que fazemos (seja quem for, o sapateiro e o albardeiro, o professor e o advogado), é

que funda o ontológico, que, depois, deve empreender um caminho antropológico, na relação *eu - outro*, sem esquecer a questão da liberdade.

indispensável toda uma educação técnica³ associada à formação cultural (Adorno, 2002).

Neste *continuum*, cabe-nos o esforço de investigar o valor axiológico, sob a orientação do filósofo em tela, de uma parte da aprendizagem vinculada aos desportos e às atividades físico-motoras, expressadas pelos desenhos filosóficos cuja importância ajudou a emoldurar os meandros do cenário cultural nos séculos V e VI a.C.

Todo o cerne da filosofia socrática se baseava no dito délfico ‘Conhece-te a ti próprio’ e se expressava por meio do progresso e no refinamento da prática do autoaperfeiçoamento, do conhecimento do bem, do autoconhecimento e do exercício das *aretai* (virtudes), dependendo o êxito em cada uma dessas empreitadas do grau, da capacidade e da arte de se exercitar e de se superar. Em Jaeger (2003, p. 547), vimos que o caminho do autoaperfeiçoamento e do autodomínio é construído através daquilo que “Sócrates designava com a palavra grega *askesis*, equivalente à inglesa *training*” e em bom português, *treino*⁴. Então, algo do desportivo é encontrado no cerne da filosofia socrática. Mas ainda podemos considerar outros pontos de convergências, como explicitaremos.

Cabe chamar a atenção para uma das maneiras que o filósofo ateniense encontrava para desenvolver o autoconhecimento que

³ Quando abordamos a *técnica* (com os seus instrumentos – tecnologia), uma das primeiras análises é dizer que ela se constitui como procedimentos de uma profissão, arte codificada e transmitida, com o intuito de efeito útil. A técnica surge em todas as áreas da ação humana – ciência, estética, indústria, agricultura, artes, ... mas também na educação física e no desporto. Na educação física e no desporto, a técnica (a par da tática) constitui-se como a manifestação natural (mas também treinada) que permite a execução de um gesto na sua eficácia e na sua beleza... estética.

⁴ O filósofo francês Michel Serres (2004) afirma que a humanidade chegou onde chegou, graças à técnica, ao *treino* e à repetição. O treino constitui, assim, uma ação externa e interna que leva a uma melhoria da condição humana (desportiva). Podemos, então, constatar a importância do treino nesta evolução, elogiado por Sócrates.

era através dos exercícios físicos, o autoconhecimento a partir do aperfeiçoamento do corpo⁵ a fim de educar a alma.

Na escala de valores sócrática, os bens do corpo viriam logo depois dos bens espirituais (os valores menos importantes eram os materiais). Se atentarmos para a nossa escala de valores atual, provavelmente a construção seria inversa: o oráculo de Delfos foi substituído pelo oráculo da tecnologia e da economia, embora o corpo ainda permaneça como fiel da balança axiológica e continua a ser a ponte que nos liga ao sagrado. Na verdade, o autoconhecimento, ligado aos bens espirituais, passa pelo conhecimento e pelo aperfeiçoamento do corpo, manifestando uma possibilidade muito maior do que apenas de bem-estar e de qualidade de vida, isto é, uma possibilidade de transcendência, ou melhor, a passagem da imanência para a transcendência⁶.

⁵ Quando nos situamos nas representações sobre o *corpo*, constatamos que existem muitos olhares teóricos sobre a sua existência, finalidade, missão. Assim, o corpo no campo da história humana, aparece como base racional, material, simbólica, metafórica, ideológica, espiritual e, neste tempo pós-moderno, como um bem econômico. Schwengber (2010) refere que “o corpo é uma casa cheia de linguagens – vozes, sorrisos, sensualidade, sexualidade, cultura, gênero, etnia – no sentido de que são marcas vivas, significantes, mutáveis, temporais, históricas... um corpo constrói cultura, conhecimento, civilização” (p. 267). Por outro lado, o corpo diz o sentido da vida na sua liberdade, no seu discurso, na linguagem, na sua percepção, na sua mediação e integração (Gil, 1997; Merleau-Ponty, 1999); mas, também, na sua instrumentalidade coersiva e disciplinar em que a cultura, a educação e a ideologia (micro política, poder) são traves mestras (Foucault, 1986, 1989). O corpo como um texto de reinvenção e interpretação contínua com infinitas leituras: “O corpo como referência fundante de todas as linguagens...a falada, a escrita, a gestual, a das roupas, a dos sinais, a musical, a plástica, a desportiva, a dança...corporeidade (linguagem) viva, intencional, com sentido” (Schwengber, 2010, p. 268). Ao fazer uma síntese sobre o corpo na história, Camilo Cunha (s/d) elabora uma pequena taxonomia, apresentando três momentos estruturantes deste homem, *Ser Corpóreo*: i) *Ter corpo pela negatividade* – o corpo como instrumento teórico, material, religioso, político, econômico, cultural,...; ii) *Ter corpo pela positividade* – o corpo como valor em si, que dá sentido à vida nos vários sentidos e expressões; iii) *Ser corpo* – o corpo como manifestação do Ser (monista) que diz o homem material e espiritual em caminhada, no existir.

⁶ A *imanência e transcendência* são manifestações humanas. A *imanência* é a característica daquilo que é interior a um *Ser* ou a um objeto de pensamento: imanência do homem, da ciência, da educação, do desporto, etc. A *imanência*

A ideia de autoconhecimento e de auto-aperfeiçoamento, que Sócrates postulava como meio para o conhecimento da alma, deve ser interpretada, além das acentuações de natureza prática, à luz das metáforas, da dialética e do simbolismo. Deste modo, as atividades desportivas são mais do que uma metáfora da vida, são a configuração externa de uma competição que se trava internamente e, por intermédio delas, a vida, em todas as suas cores, sons e imagens, aparece real e simbolicamente.

3.1. Sócrates e a Paideia desportiva

Nos textos de Platão e de Xenofonte, em diversas ocasiões, direta ou indiretamente, o filósofo da maiêutica apresenta ideias, conselhos e reflexões acerca das atividades desportivas e, embora não tenha sido um professor de educação física ou um treinador desportivo, as suas análises referentes a esses temas permanecem atuais e disponíveis ao debate. Munido de sensibilidade didático-pedagógica e de riqueza de conteúdos bem como da argumentação ética e da fundamentação espiritual, o nosso mestre dissertava, de acordo com seu estilo, sobre a cultura corporal e desportiva cuja profundidade deve ser apreciada, interpretada e reconhecida como expressão da sabedoria ligada a um profundo sentido cuja luz ilumina a condição humana.

faz parte do empírico mas também chama o metafísico – quando, por exemplo, Deus (de Bento Espinosa - panteísmo) habita na natureza – é a natureza. Por seu lado, a *transcendência* aparece como ordem superior ou diferente das outras, em particular, a superioridade de Deus em relação ao mundo e aos seres imanente(s). Em Kant (1998), a transcendência é aquilo que está para além de toda a experiência possível. Já para os existencialistas e nas fenomenologias, a transcendência caracteriza-se por aquilo que a consciência visa - desporto, vitória, Deus (...), mantendo-se distinta dela. É um termo que se opõe ao empírico, sendo aquilo que, no conhecimento objetivo, é *a priori* e o condiciona. Está no campo do *idealismo transcendental*, doutrina segundo a qual vemos os fenómenos no seu conjunto como simples representações e não como coisas em si. Há, assim, um sujeito transcendental que se opõe ao sujeito empírico, isto é, nunca possuindo ele próprio nenhuma experiência, unifica a diversidade da experiência. Teilhard de Chardin (2012) tenta fazer uma síntese (junção complementar) entre imanência e transcendência, referindo que podemos experienciar a transcendência na imanência. A educação física e o desporto é em nosso entender um caso paradigmático.

Estamos no centro de uma verdadeira Paidéia⁷, como provaremos seguidamente.

Preliminarmente, leiamos atentamente a seguinte palestra:

Com efeito, em todas as atividades humanas o corpo se mostra útil; por outro lado, em todos os usos do corpo revela-se sumamente importante estar no melhor estado de eficiência física possível. Mesmo no processo de pensar, no qual a utilização do corpo parece ser reduzida a um mínimo, reconhece-se comumente que graves erros possam amiúde ser atribuídos à má saúde. (...) Um corpo íntegro e sadio, porém, constitui uma sólida defesa para o indivíduo, não havendo, ao menos, nenhum perigo de tal desastre [mau humor, perda da memória, abatimento, etc.] suceder-lhe através da debilidade física; pelo contrário, é provável que a condição saudável do indivíduo servir-lhe-á para a produção de efeitos que são opostos aos que nascem da condição não saudável. (Xenofonte, III, 12, 5-7)

⁷ *Paideia* (παιδεία) é um termo do grego antigo, empregado para sintetizar a noção de educação na sociedade grega clássica. Inicialmente, a palavra (derivada de paidos (pedós) - criança) significava simplesmente 'criação dos meninos', ou seja, referia-se à educação familiar, aos bons modos e princípios morais. Será na mesma Grécia que se inicia um modelo de educação com um sentido relativamente semelhante ao que se utiliza hoje. Na verdade, os ideais educativos da paideia baseiam-se em práticas muito anteriores. Os gregos são os primeiros a colocar a educação como problema e, conseqüentemente, na literatura grega, surgem sinais de questionamento do conceito, seja na poesia, tragédia ou na comédia. Os sofistas e depois Sócrates, Platão, Isócrates e, finalmente, Aristóteles elevarão o debate ao estatuto de uma importante questão filosófica. Assim, no meio da sociedade ateniense, 'paideia' passa a referir-se a um processo de educação no qual os estudantes eram submetidos a uma programa que procurava atender a todos os aspetos da vida do homem. Entre as matérias abordadas estavam a geografia, história natural, gramática, matemática, retórica, filosofia, música e ginástica (...). A partir do século V a. C., o conceito de aperfeiçoamento do ser humano para o bem da sociedade como um todo evolui. A noção agora vigente é que, para além de formar o homem, a educação deve ainda formar o cidadão, deixando de ser suficiente a simples e antiga educação baseada na ginástica, música e gramática. O conceito acabado da paideia torna-se o ideal educativo da Grécia clássica. Com o tempo, passou a designar o resultado do processo educativo que se prolonga por toda a vida, muito para além da escola. Os seus ideais são imitados em praticamente todo o mundo, até aos dias de hoje, como um perfeito entendimento da formação social do ser humano (Santiago, 2018).

Por intermédio desta narrativa, pode verificar-se a importância que o nosso filósofo dispensava ao corpo e os necessários cuidados com ele com vista a uma vida mais nobre e mais saudável em todos os aspectos ligados ao desempenho humano. Não podemos deixar de enfatizar que a advertência central era que o corpo deveria estar na melhor condição possível.

Sócrates não percebia o corpo separado da alma, tal como assinala Jaeger (2003, p. 534), ao interpretar esta tese na filosofia socrática: “a alma só pode compreender-se com acerto se for concebida em conjunto com o corpo, mas ambos com dois aspectos distintos da mesma natureza humana...” e, mais adiante, completa, salientando: “Mas assim como pela existência do corpo e da alma (...) se espiritualiza esta natureza física, assim como refluí sobre a alma algo da própria existência física”. Portanto, as proezas desportivas do corpo permeiam e fortalecem a alma e, por outro lado, a alma, estimulada por esta ação, retroage sobre o corpo, inserindo no movimento as virtudes próprias da alma: a expressão, a criatividade, o empenho, a espontaneidade, a superação, etc..

Embora a alma seja a sua maior preocupação, Sócrates (*Górgias*, 504b-504c) expõe a importância do corpo: “Que nome tem, no corpo, o efeito da ordem e do equilíbrio?”. Cálicles responde: “Refere-te talvez à saúde e à força” e Sócrates declara: “Nem mais. (...). Afirmo eu, portanto, que se dá o nome de sanidade à ordem do corpo que gera a saúde e as outras boas qualidades corporais”.

A sanidade e a ordem do corpo são, então, revestidas pela atividade desportiva. Um corpo saudável é revelador de uma alma feliz. Acrescentamos que, como escreveu Xenofonte (I, 2, 3-4), Sócrates nunca descurava o seu próprio corpo, censurando, nos outros, esse tipo de indulgência.

No *Górgias* (452b), Sócrates, depois de dizer que é aos médicos que compete a promoção da saúde, elogia a arte do professor de ginástica que, segundo ele, era a de “tornar belos e fortes os corpos dos homens”, ou seja, para além da saúde do corpo, existe a possibilidade de conquistarmos níveis de vitalidade que vão além da saúde.

A atividade físico-desportiva serviria como elemento para registrar as opções da Paideia socrática, conforme ficou demonstrado pelo Sócrates de Xenofonte (I, 2, 19), quando disse que, do mesmo modo que os que não exercitam o corpo, não conseguem realizar as proezas do corpo, também aqueles que não exercitam o espírito, não conseguem realizar as proezas do espírito. Esta observação era pautada por um princípio da educação humana no qual era sumamente importante o exercício tanto do corpo como da alma pois aqueles que não cuidassem destas dimensões revelariam que seriam incapazes de fazer o que devem fazer e, ao mesmo tempo, evitar o que não devem fazer.

Sócrates revelava o seu entusiasmo não só ao defender a necessidade dos exercícios desportivos para todos, no mais alto desempenho, mas também em participar dos mesmos, quando sentenciava: "é sumamente deplorável envelhecer em meio ao puro descuido, sem perceber em que tipo de ser humano é possível se tornar promovendo a força e a beleza físicas em seu grau máximo" (Xenofonte, III, 12, 8). O treino que visa afastar o descuido e aproximar-se de um ideal é aquele que educa todos os seres humanos, tornando-os capazes de se dominarem a si mesmos, portanto, um ideal que extrapola o espaço desportivo para organizar o sentido de viver próximo das qualidades divinas.

Sócrates (*A República*, 403c-406b), ao discorrer sobre a educação pela ginástica, destaca algumas palavras que estão de acordo, na atualidade, com os rigores de um treino desportivo, tais como: abster-se de embriaguez, dieta mais apurada, líquidos, exercício, abster-se de tudo isso, (cuidado com) as jovens de Corinto, gozo da doçaria ática, vícios (necessidade) de médicos.

Nesta linha de ideias, o nosso filósofo alertava os atletas para não se deixarem levar pelo caminho mais fácil, pela conquista de pouco valor pois aqueles que conquistam uma vitória fácil nos jogos são passíveis de descuidar o próprio treino, a honra de que ele se mantinha objeto, o triunfo barato que granjeara com o corpo o levam a negligenciar a si próprio (Xenofonte, I, II, 24). Isto significa que a vida desportiva é uma fonte inestimável de recursos educativos que, ao serem bem trabalhados, ajudam

o indivíduo na aprendizagem da arte de construir um homem melhor no corpo e na alma.

3.2. Sócrates e a ética da superação

A pedagogia moderna registra, em certa medida, a banalização do prazer. Esta prática, em diversas ocasiões, foi motivo de análise e de críticas. É o caso de Lipovetsky (1994), por exemplo, que considera que vivemos nos tempos da ética indolor.

A ideia da conquista exitosa, sem esforço, sem dedicação, sem perseverança e sem superação, surge aos olhos de Sócrates como falsa e, neste sentido, ele faz uso das palavras de Simónides (Protágoras, 340d), onde "...anteposto ao mérito, colocaram os deuses o suor – e que, quando alguém atinge o cume desse mérito, torna-se fácil depois, por difícil que seja, conservá-lo". Embora seja um conselho dirigido a todos (artistas, atletas, políticos, professores, filósofos, etc.), encontramos uma nova referência de Simónides, baseado em Sócrates, no diálogo com Protágoras (339b), dirigida aos desportistas da época: "Ora, é difícil tornar-se, de verdade, um homem de bem, de mãos e pés e espírito, obra lapidada sem falha". Esta frase encaminha-nos ao entendimento da expressão grega *kalokagathia*, o bom e belo, cujo significado era uma revelação educativa de um ideal que tanto Sócrates como Platão faziam questão de exaltar (Jaeger, 2003). Ora, esta ideia de bom, belo, mas também o bem e o justo, sustentavam a ideia de uma estética⁸ que o homem deveria alcançar. Acrescenta-se que, provavelmente, Simónides se tenha inspirado num dos passos da Odisseia (8, 145–148), quando Laodamante, filho do monarca Alcínoo das terras dos Feaces, convidou Ulisses para participar dos jogos desportivos, realizados

⁸ A *estética* como a teoria da arte, do belo, do bem e do bom (emoção, sensibilidade). Platão e São Tomás de Aquino referem-se à estética metafísica – ideias, formas. Com Kant (1998), surge a ideia de que a obra de arte bela tem uma finalidade estética interna – marca de especificidade, individualidade e ao mesmo tempo um universal. Para Hegel (1991), a abordagem da estética tem de ser feita enquadrada nos momentos históricos, em evolução, quando a estética moderna tende a renunciar às normas (racionalidade) do belo e a relacionar a obra de arte com o seu criador, o contexto e as circunstâncias.

em sua homenagem, dizendo que “não há para um homem, ao longo da vida, glória maior do que arrebatado uma vitória com os pés e com os braços”. Além disso, cabe a referência que tanto Simónides como Píndaro eram poetas que glorificavam a virtude humana (*aretê*) através dos cantos aos vencedores dos jogos desportivos.

É o enaltecimento à luta do homem para se superar a si próprio, para superar os limites e ir além, desafiando, por meio das suas virtudes, a mesmice e o comum: um desafio ético que, ao contrário de sofrimento, nos indica o caminho mais *curto* para a felicidade.

Nas suas palavras de autodefesa perante a assembleia ateniense, o mestre de Platão, num trecho da *Apologia de Sócrates* (30b), faz reluzir palavras de sabedoria que, pela sua clareza e distinção pedagógica, orienta todas as pessoas, dizendo que não é das riquezas que nasce a virtude (*aretê*), mas que é da virtude (*aretê*) que provêm as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados. O alerta de Sócrates é, por um lado, para a necessidade de cuidado com a ideia utilitária e, por outro, para o incentivo ao ideal da prática ética. Considerando estes dois pontos no desporto, verificamos que a vitória, tanto na época da Grécia clássica como, e especialmente, nos dias atuais, é procurada a qualquer preço. Neste contexto, convém atentarmos para esta orientação a fim de não nos deixarmos seduzir, por ignorância, pelo caminho mais curto e desprovido da genuína riqueza: o virtuosismo do atleta, o treino de alta qualidade e o da ética no empenho. Detse modo, torna-se claro que a felicidade não vem do sucesso, do êxito e da vitória sem valor, mas, sim, do bem-estar, da satisfação no que se faz e de todos os bens eticamente conquistados, tanto públicos como particulares. Afinal, não é só o modo como fazemos as coisas no desporto e/ou na vida privada que nos permite encontrar o êxito (sucesso), o que dá sentido à vida e, em particular, à vida desportiva, é o significado que damos a cada ação: “sino el porqué de nuestro actuar, lo que rubricará el éxito o el fracasso de nuestra existência” (Fernández, 2004, p. 40).

O significado de cada ação e de cada movimento é, na orientação de Sócrates, possível por meio da relação da virtude e do aperfeiçoamento das qualidades naturais pela educação, cujo resultado é o conhecimento científico de si mesmo e do vício (*A República*, 409c). A educação desportiva deve, pois, seguir este conselho a fim de promover e edificar o homem pela conquista da sua inteireza.

Platão designa que, pela boca do seu mestre, a prática de exercícios físicos tinha como fim educar a alma (*A República*, 410c-d). Sócrates considerava que, nas diversas tarefas humanas, incluindo o desporto, era sumamente importante estar no melhor estado de eficiência possível (Xenofonte, III, 12, 5).

Para tal desiderato, é necessário, entre outras acentuações, uma sólida formação dos professores de educação física pois, conforme o próprio Sócrates (Laques, 184d) dizia acerca da preparação desportiva de um jovem, "...se houvesse um conselho sobre que desporto ele deveria treinar, acaso tu seguirias a maioria de nós, ou [seguiria] aquele que porventura tivesse sido preparado (...) por um bom mestre de ginástica?"

O processo que leva ao autoconhecimento inicia a partir do conhecimento do próprio corpo e daquilo que ele pode fazer, melhorar e/ou resistir. A indolência e o prazer imediatos, sublinhava Sócrates, jamais são capazes de tornar o corpo detentor de bom estado, nem tampouco introduzem na alma qualquer conhecimento valioso, ao passo que o esforço extremado nos conduz a ações boas e nobres (Xenofonte, II, 1, 20). A chave, que abre as portas tanto do espírito como de uma vida digna, é aquela que se consegue no clavicular da superação e pode ser encontrada em todos os locais em que existe educação desportiva.

3.3. A dialética socrática e a cultura desportiva

Não são poucos aqueles que apontam o atleta desportivo como o protótipo do herói⁹ lendário. Não é para menos, já que os

⁹ A ideia de *herói* faz parte do imaginário e da vida vivida do homem. O Herói transporta em si uma valentia especial, excepcional e qualidades fora do comum.

grandes heróis da humanidade foram aqueles capazes de vencer os maiores inimigos, libertando-se a si e à sua comunidade. Na conceção da herança divina, os atletas eram a última ligação entre os deuses e os heróis. O presente, relata Ferreira (2000), está ligado a um passado heróico e a competição desportiva aparece como uma boa ocasião para o desportista manifestar todas as qualidades inatas e aprendidas que recebe através do treino e como herança dos antepassados que lhes advêm dos deuses.

Nesta perspetiva, o herói desportivo torna-se um mito¹⁰ pois, conforme Campbell (2007), ele é a abertura secreta por onde surgem as inexauríveis energias do cosmos cuja manifestação interpenetra a cultura humana, seja pela expressão do corpo, da mente, do espírito ou pela revelação da unidade destes diferentes atributos.

Sócrates, em muitas ocasiões, revela o seu respeito pela dignidade do herói: ele mesmo, como já vimos, foi homenageado

O herói apresenta-se como uma referência inspiradora para a comunidade humana. Hegel (2002) acrescenta que o herói pensa satisfazer os seus fins pessoais, alargando, no entanto, esse feito à comunidade, fazendo história, inscrevendo um marco espiritual. Nietzsche (2004) refere-se ao herói como criador de valores, afirmação de si e do seu poder. O herói constitui-se, assim, como construtor de exemplo (ético, estético, político,...), de carisma, de história, de referência inspirativa e de desejo de imitação (*ser imitado*). O herói é aquele que se liberta para além da morte, ficando na eternidade. A educação física e o desporto têm os seus heróis e muitos deles transformam-se em mitos.

¹⁰ O *mito* emerge como uma narrativa fabulosa, de caráter mais ou menos sagrado, que diz respeito aos seres que personificam os agentes naturais ou as origens de uma sociedade. O mito parece que ajudou a fundar a razão: *do mito ao logos*, estruturando a substância evolutiva grega. O mito, nas culturas em que está ativo, serve de referência justificativa e de modelo. Também significa uma representação coletiva, mais ou menos irracional e de forte valor afetivo (mito do progresso, da idade de ouro, etc.). Todas as áreas da ação humana têm os seus mitos, em particular as religiões. No entanto, não deixa de ser criticado, por exemplo em Roland Barthes (...) quando refere que o mito é um discurso coletivo que pretende ser racional (equilíbrio, bom senso) mas que, em última análise, é ideológico, com tudo o que a ideologia contém. No caso que anima a nossa reflexão, faz todo o sentido no desporto falarmos em mito e herói como referência justificativa e inspirativa. Em todos os desportos, encontramos os seus mitos.

como herói de guerra. Mas, para a dialética socrática, o mito do herói, seja desportivo ou de outra manifestação cultural, é aquele que incorpora a identidade do herói na sua própria vida. Esta receita é especialmente exposta por Reale e Antiseri (1991, p. 90) quando, ao interpretarem os ensinamentos de Sócrates, ressalvam que “tradicionalmente el héroe era la persona capaz de triunfar sobre todos os enemigos, peligros, adversidades y fatigas exteriores; el nuevo héroe es aquel que sabe vencer a los enemigos interiores”. O que importava para o filósofo ateniense era a dimensão ética e dialética do conhecimento, do treino e da ação, bens que visam outra *epopeia*, rumo à conquista do espírito e da simplicidade da *Beleza original*.

As qualidades que melhor expressam o caráter do herói e do desportista são a coragem e a valentia, tendo sido ambas exaustivamente discutidas por Sócrates nos diálogos de Platão onde afirma, então, que a justiça, a piedade, a sabedoria, a prudência, bem como a coragem, valentia estão entre as virtudes socráticas (Protágoras, 349b).

Sobre a coragem, o filósofo da maiêutica dizia: “a sabedoria das coisas que causam temor e das que não o causam é coragem, uma vez que é o contrário da ignorância” (Protágoras, 360d). Complementava, insistindo na sua tese de que as virtudes (*aretai*) são um saber e de que o valente só teme a desonra, enquanto “os cobardes são cobardes por ignorância” (Protágoras, 360c). Neste modo de ver as virtudes da coragem e da valentia, Sócrates parece antecipar as teses da psicologia e da metodologia desportiva atuais, uma vez que somente os atletas mais bem preparados física, técnica, tática e psicologicamente, e que possuem consciência disso, são aqueles capazes de enfrentar os riscos dos desafios desportivos que exigem um saber fazer bem feito, baseado no desenvolvimento das capacidades, das habilidades e da inteligência em movimento. Na verdade, foi Sócrates quem sustentou que as ações se constituíam como melhor evidência de saber do que as palavras (Xenofonte, IV, 4, 10) pois a oratória pode, em muitos momentos, no cenário da vida, ser bem ou mal utilizada mas, no palco desportivo, não há espaço para a palavra e para a retórica. Portanto, na contenda

desportiva "...os que conhecem a si mesmo sabem que coisas lhes convêm e são capazes de discernir seus próprios poderes e limitações (...) os que sabem o que fazem granjeiam prestígio e honra ao atingirem os seus objetivos" (Xenofonte, IV, 2, 26-28). Interpretamos que, no desporto, o êxito reside no conhecimento da capacidade, baseada na ação, de enfrentar e vencer desafios a fim de alcançar os objetivos desportivos.

Esta finalidade elevada implica a disponibilização de um esforço igualmente elevado e de uma vontade superior que organizam e disponibilizam uma especial capacidade de disciplina, determinação e perseverança, além da coragem de pôr à prova as suas capacidades e competências físico-motoras, na contenda desportiva, e eventualmente falhar... Quando isto acontece, a oportunidade é outra: a prudência indica que é necessário treinar (mais e melhor); a coragem e a persistência reúnem-se, na pessoa desportiva, para apoiarem o esforço necessário na busca da superação em relação ao estádio anterior; a sabedoria surge como elemento racional e modelador daquilo que se deve e não se deve fazer – e como – para que o treino, de facto, se torne eficaz, alegre e inspirador, pois um novo desafio virá e com ele o reacender da esperança de que é possível superá-lo.

Sobre a valentia, Sócrates, em conversa com Nícias (Laques,191d), ilustrava indiretamente como a pedagogia desportiva poderia alcançar outros níveis culturais: ele disse (resumidamente) que o homem valente é aquele que, antes de ser um guerreiro no campo de batalhas, ou um atleta na arena desportiva, deve ser corajoso ao enfrentar os seus inimigos internos que são os seus instintos desenfreados.

Um atleta podia conseguir, por meio do treino e do desenvolvimento da força, da coragem, da habilidade técnica e da sua criatividade, a supremacia sobre o seu oponente, mas o que Sócrates indicaria seria a utilização desses atributos com a finalidade de superar os adversários internos: os vícios, as limitações e os prazeres imoderados. Neste sentido, Teseu e Hércules, exemplos de virtude e de superação, foram os primeiros a usar a força com uma finalidade diferente daquela de apenas esmagar os oponentes. Tornaram-se atletas a favor dos homens,

interessando-lhes essencialmente a arte de empregar a força e não a força em si (Cousineau, 2004).

Neste *continuum*, os grandes exemplos da humanidade, como os heróis Aquiles e Ulisses, Hércules e Teseu, Sócrates e Platão, os atletas de todos os tempos, os grandes artistas, os líderes políticos, os cavaleiros medievais e os santos religiosos, todos têm em comum uma grande aspiração à perfeição – do corpo e (com) da alma – como itinerário de vida.

Foi assim que Sócrates (Laques, 191d) descreveu, de forma magnífica, sobre a expressão multidimensional da coragem:

Eu procurava saber de ti quais são os corajosos, não apenas entre os hoplitas, (...), e não apenas os corajosos na guerra, mas também os que são corajosos nos perigos do mar e aqueles que são corajosos nas doenças, ou na pobreza, ou na política. E mais ainda: (...), mas também os que são intrépidos no combate aos desejos e prazeres, ora enfrentando-os, ora evitando-os.

Olhando nos olhos e observando atentamente o significado de cada gesto humano, Sócrates declarava que “o ser físico, juntamente com a expressão dos movimentos, é o espelho do seu interior e de suas qualidades: resplandecendo o seu conteúdo moral e a sua interioridade” (Xenofonte, III, 10, 1-5.). Muito além dos resultados da ação desportiva (vitória e derrota, boa forma e pico de forma, força e resistência, bem-estar e qualidade de vida, etc.), por esta investigação da alma, encontramos uma parte da esfera da dignidade humana que a modernidade teima em desconhecer e onde o corpo, mais do que uma identidade biológica e de expressão social, pode ser visto como a corporificação de diferentes e elevadas dimensões.

Na celebração deste ideal, Sócrates (Protágoras, 312 b) sugere: “com efeito, estudaste cada uma dessas disciplinas não como uma técnica, para te tornares um profissional, mas para teres cultura...”. Embora a técnica seja um meio pelo qual o homem pode atingir melhores níveis de vida e de liberdade, precisamos de entender que Sócrates pedia uma educação ainda mais ampla: a formação ideal (Paideia) e, no caso do desporto, a

Paideia desportiva que sustenta e é sustentada por uma cultura desportiva¹¹.

Os atletas são guerreiros por instinto mas tornam-se desportistas pela pedagogia desportiva, podendo ascender ao estatuto de atleta interior a partir da proposta de uma educação desportiva com *fôlego* dialético. Efetivamente, a prática de uma técnica, de um saber e de uma virtude faz com que o homem e o atleta ampliem a sua sabedoria. Os detentores da sabedoria são aqueles que assumem na prática as ações boas e nobres, portanto, virtuosas, ficando evidente que toda a forma de virtude é sabedoria (Xenofonte, II, 9, 6), passando o conhecimento, mais do que um exercício intelectual e mais do que um objeto técnico, a ser a luz que clareia os cantos da nossa *caverna* humana.

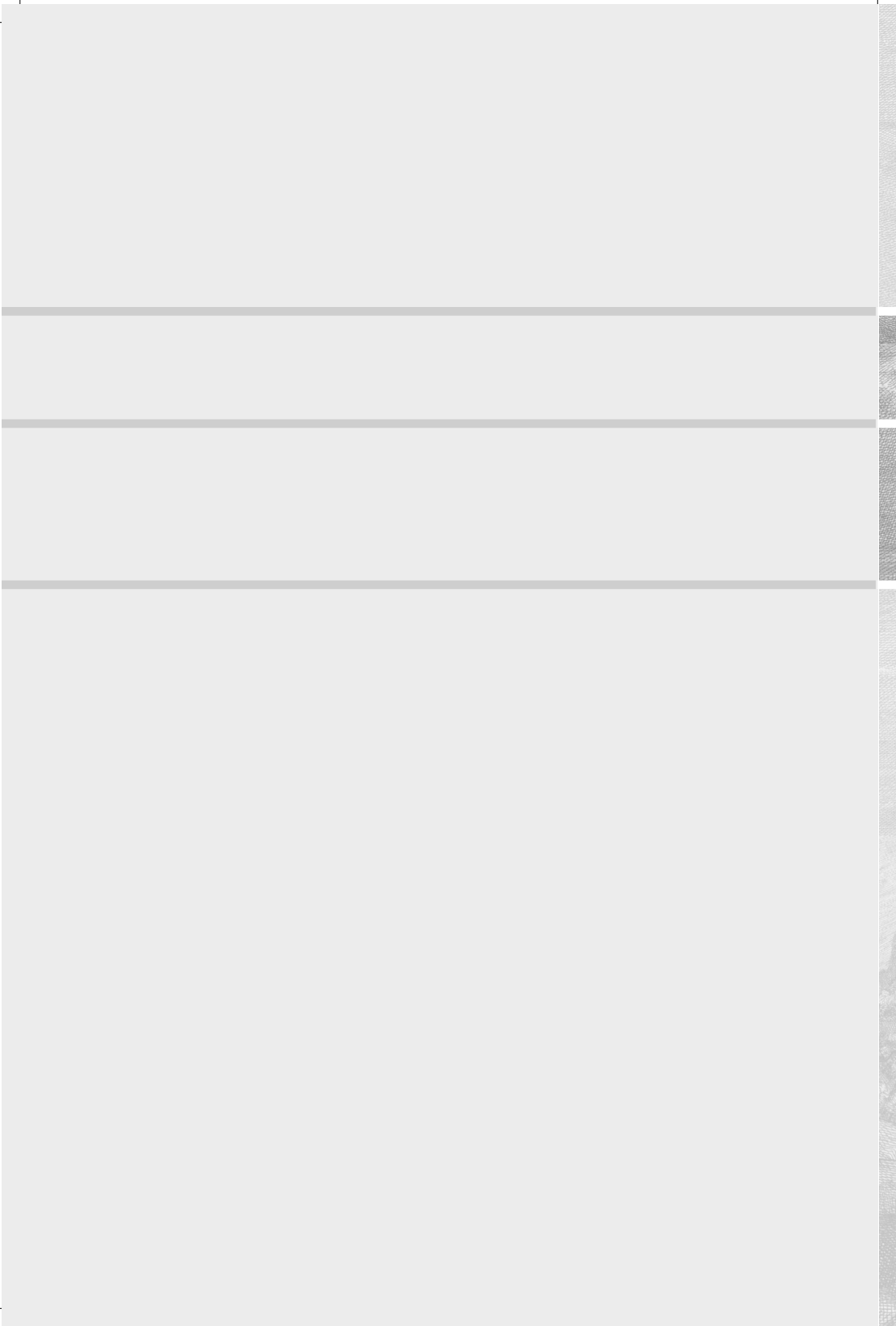
Este tipo de aprendizagem pode ser percebido pela prática desportiva o que deve ter levado Fernandes (2000, p. 198) a declarar: "este treino, que combina o progresso da consciência do corpo com a aquisição de mecanismos ou automatismos, é acompanhado pouco a pouco de um sentimento de libertação" da alma. Estamos diante daquilo que os gregos viam como o homem ideal: o *kalókagathós*, o bom e o belo, a simbiose perfeita da beleza e do contentamento físico com a beleza moral.

¹¹ Antes de falarmos em *cultura desportiva*, podemos falar em *cultura*. Ao olharmos para a ideia (palavra) – *cultura* –, encontramos um manancial de reflexões e taxonomias em várias áreas do saber. Fala-se, por exemplo, em cultura, multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo (Camilo Cunha, 2014). Peguemos na definição 'mais simples', a de Kroeber (1993) e a de Manuel Patrício (1996), que tentam definir cultura: A cultura é aquilo que o homem acrescenta à natureza (à sua natureza ontológica, biológica, antropológica,...) pela sua capacidade criadora e transformadora. A cultura eleva-nos, assim, acima da nossa condição animal. A cultura torna-nos mais completos e inovadores pela capacidade de dar significado. Torna-nos (dizemos nós) mais *largos, profundos, mais leves, ricos e desejavelmente melhores - não necessariamente melhores*. A cultura é um caminho de excelência para atingir a liberdade. Um homem culto tem apontadas para si duas setas: uma para a razão, outra para o coração - que farão dele um sábio. No entanto, também gostaríamos de ressaltar que existe (m) cultura(s), que podem não ser boa(s). Veja-se, por exemplo, o caso das culturas que não promovem ideais de humanização e com elas ideais de estética e ética. A educação física e o desporto por certo fazem, conservam e transmitem cultura - cultura desportiva com os seus valores do corpo e da alma.

Sócrates, no diálogo *Górgias* (451e), define a felicidade deste modo: “a coisa melhor é ter saúde; depois, ser belo; e, em terceiro lugar, ser rico sem fraude”. Deste modo, saúde do corpo, beleza da alma e riqueza ética constituem-se como alicerces de uma pedagogia da educação física cuja essência deve ser buscada e enfatizada, numa vitória, sem precedentes, da *Pessoa Humana*.

A vitória para Píndaro constitui-se na exposição da verdadeira *aretê* humana mas, de acordo com Sócrates, a verdadeira vitória é aquela que é conquistada pelos esforços, na maioria das vezes, extremados na luta contra si próprio.

Assim como os heróis antigos, e os de todos os tempos, que perduraram para a eternidade, os atletas, em trabalhos empíricos (Monteiro, 2007), registam que o principal fundamento da sua trajetória desportiva é o de serem lembrados pelo mérito, pelas pessoas e pela história das instituições às quais pertenceram.





**UM OLHAR QUE
NÃO É FINAL**

UM OLHAR QUE NÃO É FINAL

Desde o momento em que a educação – incluindo a educação física e desportiva – se tornou um modelo de aprendizagem de conteúdos predominantemente intelectuais, técnicos, profissionais e utilitários, a vida passou a ser encarada como um tecido fragmentado e, por isso, as substâncias axiológicas oriundas das reflexões filosóficas e da dialética socrática foram deixadas em plano ainda mais distante do que o plano secundário.

Para nós, da educação física, conhecer a profundidade do gesto desportivo não significa apenas o registo de marcas, pontos, gestos, precisão, força, velocidade entre outros dados, por mais importante que sejam para determinadas áreas do conhecimento; vale a pena reconhecer as repercussões de cada um desses movimentos nos territórios mais profundos da alma humana.

Mais uma vez, devemos ouvir, pela narração de Xenofonte (III, 10, 8), os ensinamentos do mais sábio dos mestres clássicos, quando, na sua época, insistia com os artistas plásticos para que não se contentassem apenas em reproduzir a beleza corpórea mas, sim, que aspirassem também a transmitir a expressão da nobreza do caráter dos homens.

Do mesmo modo, a atividade docente na educação física, desporto não deveria apenas contentar-se com o ensino da atividade motora ou desportiva, mas deveria incentivar e levar todos a reconhecerem, na prática dessas atividades, aquilo que faz a diferença na formação de uma personalidade sadia, do caráter e da alma. Os gestos corporais, a ação motora, o movimento e o semblante são como desenhos esculpidos no corpo de uma atividade que está além do corpo e da matéria.

Quando a alma se torna contrária ao corpo, o ideal agonístico perde a sua substância pedagógica e o que passa a imperar é a força bruta, a violência, a corrupção, a vitória a qualquer preço: nesta toada, vende-se a alma do indivíduo e do ritual desportivo.

Ao contrário, no diagnóstico de Sócrates, aquilo que deveria ser apoiado é o desporto do espírito, o verdadeiro espírito desportivo, o especial sentido do heroísmo que nos leva ao entendimento da fugaz e, ao mesmo tempo, especial e extraordinária *aristéia* cujo clarão invade as sombras da nossa educação atual, identificando e fazendo reluzir o motivo mais íntimo da *aretê* grega: fazer sua a beleza, ou seja, a sujeição do físico a uma beleza maior e mais elevada (Jaeger, 2003).

Para Sócrates, como vimos, a verdadeira virtude (*aretê*) era o autoconhecimento e, à medida que se enfrentam os desafios humanos – incluindo os desportivos – descobre-se *algo de novo em nós*. Essa autodescoberta vai, gradativamente, desenvolvendo o sentido de autonomia, sendo livre e reconhecendo-se como senhor da sua aventura humana quem age com mais autonomia .

Por este motivo, não há como deixar de fazer uma aproximação entre as teses socráticas e o modo como os desportistas (adultos e jovens) forjam a lógica das suas etapas de treino e de competição: Sócrates procurava estimular cada jovem e cada adulto a desenvolver um processo pedagógico de auto-aperfeiçoamento, de autodomínio e de autoconhecimento. Este é um caminho que deve ser feito pelo próprio peregrino mas o desporto pode oferecer o *mapa*. O que se segue é uma dura competição entre as esferas internas e externas no sentido de aperfeiçoar a criança, o jovem e o adulto, onde cada passo representa uma grande vitória: vencer a si mesmo, indo para a frente, indo para diante!

O desporto, por sua vez, representa simbolicamente o modelo de perfeição, tanto para o homem como para a sociedade, quando exige um permanente exercício e aperfeiçoamento das propriedades físicas, motoras, éticas, intelectuais, espirituais, estéticas e outras. Além disso, a atividade desportiva, vista pelo âmbito do conhecimento físico-motor, ou seja, da habilidade motora, da prestação física, da *performance* tática, pela criatividade, pela sensibilidade, pela expressão estética e pelos necessários

empenhos e desempenhos éticos e espirituais, configura-se como uma prática de sabedoria expressa pelo movimento. Este nível de autoconhecimento, explica Fernandes (2000), tem uma incidência evidente sobre o comportamento geral. Além disso, a cultura desportiva é também uma educação moral que toca e disciplina a vontade.

Outra concepção do pensamento socrático diz respeito à disciplina da vontade, o autodomínio, que pode ser analisada sob o crivo das lentes desportivas, uma vez que, no ambiente desportivo, necessita-se permanentemente da educação - do desenvolvimento e do aprimoramento - do valor da arte de disciplinar o corpo com vista ao surgimento das qualidades e da liberdade da alma cujo resultado ultrapassa o significado das grandes façanhas. Este modo de ver a disciplina e a sua consorte perseverança é consistente com o desenvolvimento do conceito socrático de se dominar a si próprio e, simultaneamente, a liderança da razão sobre os instintos desenfreados, os apetites desregrados e os prazeres indisciplinados. Esta aproximação foi possível graças àquele passo de *A República*, já descrito anteriormente, em que o nosso filósofo indicava uma série de cuidados que os atletas desportivos da sua época deveriam ter, ou seja, uma receita de supervisão e cuidados disciplinares a fim de controlar os apetites e os prazeres como forma de se conquistar uma boa forma desportiva.

Sócrates, como (se fosse) professor de educação física (e desporto) aconselharia que, inicialmente, a nossa arte docente deveria ser considerada a partir do que seria, para ele, o significado de viver como homem: o de não aceitar nada que não passasse pelo crivo crítico, em cada caso, segundo a razão e mediante o exame. Com isto, de acordo com Adorno (2002), o filósofo exigir-nos-ia que, em cada momento, fôssemos nós próprios, que vivêssemos conscientemente e não dominados pelos belos discursos, por esta ou aquela ideologia, por este ou aquele ofício. Ele, na realidade, convidava cada um de nós a ser responsável pelos nossos atos, a realizar bem o que cada um é, sempre dentro do nosso contexto humano. É, pois, antes de tudo, um alerta para se ter cuidado com o dogmatismo, o preconceito, a unilateralidade, sendo, portanto, a favor da autonomia, da liberdade e da pluralidade.

Visto desta maneira, a pedagogia da educação física, desportiva deveria, antes de tudo, não se deixar levar por nenhum dogma, ceticismo, passionalidade e isolamento. A paideia desportiva deve ter, assim, um caráter plural e ser sustentada por um ideal de autoaperfeiçoamento, a fim de que o homem, cada homem, possa aprender a superar a sua caducidade, a sua efemeridade, a sua limitação, o seu destino e o seu instinto com vista à busca inquietante do autoconhecimento, do autodomínio e do autoaperfeiçoamento, uma forma interior de vida, cuja experiência espiritual se manifesta em todos os seus atos e, portanto, enobrecer a cultura do movimento desportivo.

Consideramos que a lição mais profunda da sabedoria socrática seria a restauração do ideal sagrado do movimento agónico, onde o adversário, o oponente, o obstáculo e o rival que interessa vencer somos nós mesmos. Esta é uma competição que interessa vencer, esta é a revolução que devemos operar e esta é a educação que devemos procurar. Um ideal de honra e de dignidade cuja vitória é a superação do comum e a transcendência do incomum. Uma obra onde o que vale é a edificação do Herói dos heróis, do Atleta dos atletas e do Homem dos homens.

E isto pode ocorrer por meio da sagrada inspiração que jorra da essência da alma humana que instiga e desafia o *homo - sportivus* (Bento, 2007), na busca do movimento perfeito, na luta sem tréguas para se atingir a arte e a arquitetura da ação e que, pela felicidade experimentada e demonstrada, eleva o homem ao estádio de semideus, onde as lutas cessam e o que vigora é a conquista da coroa de ouro depositada no espírito individual cuja sintonia e imersão se dá, neste momento, no enigma do eterno.

4.1. Vamos repor a pergunta: e se Sócrates (o filósofo) fosse professor de Educação Física?

Depois das mitologias (explicação “fantástica” de entender o mundo...); depois das Tragédias Gregas (a condição humana e o destino do homem...); depois dos Pré-Socráticos com o *elogio ao logos* e todas as janelas que se abrem com conceitos como: *physis* (natureza); cosmologia (estudo do cosmos a partir da razão); Arché (origem das coisas - Ápeiron). Dos pré-socráticos

gostaríamos de destacar dois filósofos que serão importantes para (na) a compreensão do homem/mundo: *i)* Heráclito – e a ideia de que tudo (mundo) é devir, mudança, movimento. Estavam lançadas as sementes da intuição dialética; *ii)* Parmênides de Eleia – e a ideia de que tudo (mundo) é estático, parado e que o devir é ilusório, havendo uma essência: *O ser é/o não ser não é*. Estavam lançadas as *sementes da ontologia*; depois dos Sofistas (vendedores de argumentos, oratória, ...) emerge Sócrates. Sócrates que nada escreveu – *ficou a Palavra* – foi escrito por um dos seus discípulos – Platão e referenciado (ajudou ao seu pensamento) por Aristóteles que, ao trazer-nos a analítica, vai fazer o elogio à experiência/sentidos – as sementes da ciência.

Sócrates vai-nos trazer a dialética (como forma de aceder ao conhecimento) confirmada por Platão (mundo das formas, das ideias puras). Sócrates abre o período clássico e ao contrário dos Sofistas vem trazer uma *relação positiva com a verdade e com a busca da verdade*. Pare ele, a verdade só pode ser alcançada no mundo da essência, do imutável do eterno – intuição ontológica; bem como pela razão (intuição dialética – a célebre Maiêutica/Ironia) e não que pode ser alcançada no mundo sensível, transitório, perene, mutável.

E se Sócrates fosse professor de Educação Física? Para além dos ensinamentos sobre a dialética, as “sementes” da ontologia, o valor das ideias imutáveis, o valor da excelência (Aretê), o valor da educação (Paideia). Se Sócrates fosse professor de Educação Física talvez tivesse visto o que mais tarde (bem mais tarde) Immanuel Kant viu: a relação profunda entre sentidos/experiência e razão/ideias (formas) para que possamos ter acesso ao conhecimento.

Immanuel Kant (1724-1804) na “crítica da razão pura” – (a obra) vai de forma magistral fazer a “combinação” do ideal, das formas (a-priori) com a experiência (a-posteriori): *Só podemos ter conhecimento do que é objeto da experiência*. Na sua crítica da razão pura Kant com o seu idealismo crítico/transcendental vai dizer que o homem tem a razão como equipamento concetual (conceitos puros), categorial (categorias) subjetivo – um a-priori que existe em todos os homens – uma dádiva. No entanto, só a razão (o a-priori)

não chega para conhecer. Aquele que quer conhecer só pela razão, não conhece. Só a razão não tem acesso à dimensão sensível e por isso precisa da experiência. Assim, o conhecimento é a síntese da razão a-priori (conceitos universais, categorias puras, juízos sintéticos) e a experiência sensível/técnica e do entendimento. Pela experiência a razão mostra os seus universais – conceitos puros como o belo, o bom, o bem e o justo. Pela experiência a razão subjetiva fica também mais rica.

Neste contexto, não podemos deixar de fazer referência a outra dimensão do pensamento de Kant e que diz respeito à *dimensão moral e ética* – “crítica da razão prática” – (a obra) – e com ela a ideia de *Imperativo Categórico/ o Imperativo Moral e Ético*. Contrariamente ao conhecimento, este imperativo não precisa da experiência para se mostrar/afirmar. É um Imperativo que a razão reconhece como derivado dela (razão autónoma) e não como uma revelação de um discurso (palavra/comportamento) que vem de fora – razão heterónoma. A moral e a ética valem porque são autónomas (estão em todos os homens) reconhecida pela razão e não porque são reveladas, impostas, classificadas de fora. Importa ressaltar que o Imperativo Categórico é subjetivo. É um subjetivo que não nos vem de fora (subjetivismo) – mas como reconhecimento da autonomia racional do sujeito e que tem um valor universal. Muitos valores (axiologia) apesar de pensados refletidos (o heterónomo) são valores, porque coincidem com essas máximas/valores universais. Por exemplo, a moral Cristã.

Para conhecer precisamos da experiência sensível – o que vem de fora. Para agir, não, o agir vem de dentro. A Educação Física e acrescentamos o Desporto é uma forma de conhecimento, aliás uma das primeiras formas de conhecimento (movimento infantil/ primeiras idades), pois tem nela o sentido da experiência – do sensível...mas também do inteligível. A Educação Física/Desporto faz a síntese entre razão e experiência. Mas, a Educação Física/Desporto (corpo/movimento) é também um tempo e um espaço onde o imperativo categórico pode ser mostrado, praticado, esclarecido, sentido - *reconhecimento da autonomia racional do sujeito e que tem um valor universal* – “faz aos outros o que gostavas que fizessem a ti”. Uma coisa parece ser certa, com

Sócrates todo o pensamento humano (da cultura Ocidental) teve o seu alicerce, escrito por Platão e depois toda a influência que teve (tem) em toda a história do pensamento. Neste contexto, não podemos esquecer Aristóteles - experiência/ analítica. Aliás, é conhecida a afirmação Alfred Whitehead quando nos diz: *“Toda a história da Filosofia Ocidental resume-se a uma série de notas de rodapé à obra de Platão”* - a eternidade! Também sem Sócrates (para sermos justos) talvez Kant - considerado um dos maiores filósofos da era moderna - não tivesse escrito as suas obras.

E se Sócrates (o filósofo) fosse professor de Educação Física? Iria porventura “saber” que a Educação Física (nas suas dimensões teóricas e sobretudo práticas/experienciais) era/é um campo de *Vontade, Diálogo... Experiência e Conhecimento.*



REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Sócrates*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ARISTÓTELES. *Da alma (de anima)*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BENTO, Jorge. "Homo Sportivus": relações entre natureza, cultura e técnica. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*. 21, (4), pp.315-327. 2007.
- CARVALHO, Joaquim. *Obra Completa: História das Instituições e Pensamento Político*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- CAMILO CUNHA, António. *Multiculturalismo e educação. Da diversidade: crítica/crítica*. Santo Tirso. Whitebooks, 2014.
- CAMILO CUNHA, António (s/d). *Discursos sobre o corpo: o ter corpo, o ser corpo...e o existir*. Santo Tirso: Whitebooks. (s/d - no prelo)
- CAMILO CUNHA, António. *Para uma teoria (filosófica) do Movimento Humano: O Humano e o Movimento*. Santo Tirso: Whitebooks.(s/d - no prelo)
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- CHARDIN, Teilhard de. *O Fenómeno Humano*. São Paulo: Editora Cultrix (9ª ed.), 2012.
- COUSINEAU, Phil. *O ideal olímpico e o herói de cada dia*. São Paulo: Mercuryo, 2004.
- DESCARTES, René. *O Discurso do Método*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DUROZOI, Gérard & ROUSSEL, André. *Ser. Dicionário de filosofia (dicionários temáticos)*, 2012.
- DAMATTA, Roberto. Desporto na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do obvio. *Revista da Universidade de São Paulo*, 22,pp. 10-17, 1994.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. Quest for excitement: sports and leisure. In: *The civilizing process*. Oxford : Blackwell, 1986.
- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, Ana. A poética do desporto em Maurice Genevoix. In: OLIVEIRA, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*: Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000.

- FERNÁNDEZ, Eduardo. La Dimensión Épica del Deporte. *Revista de Ciencia de la Actividad Física y del Deporte*. Murcia-Espanha: Universidad Católica San Antonio, Vol. 1, n. 1, pp.38-40, 2004.
- FERREIRA, José. A Heroização do Vencedor na Poesia Grega. In: OLIVEIRA, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: relógio D'água, 1997.
- HEGEL, Georg. *Fenomenologia do Espírito*. Vozes Editores, 2002.
- HEGEL, Georg. *Sistema da Vida Ética*. Edições 70, 1991.
- HOMERO. *Odisséia*. Tradução: Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2003.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Deus, a morte e o tempo*. Coimbra: Almedina, 3003.
- LOVISOLO, Hugo. *Educação Física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- MARX, Karl. *Capital* (Tomo 1). Edições Avante, 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal*. Guimarães Editores, 2004.
- MONTEIRO, Alberto. *Desporto: Da Excelência à Virtude, Um Caminho de Vida Para Crianças, Jovens e Adultos*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Tese de Doutorado), 2007.
- MONTEIRO, Alberto. E se Sócrates (o filósofo) Fosse Professor de Educação Física. In: Filho, A. et al (eds). *Filosofia, Pessoa e Esporte*. Edição comemorativa do 80 aniversário de ESEFID. Centro de estudos Olímpicos e Paraolímpicos. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2020.
- PAUSÂNIAS. *Descripción de Grecia: Ática y Élide*. Tradução: Camino Azcona García. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 2000.
- PATRÍCIO, Manuel. *A escola cultural: Horizonte decisivo da reforma educativa*. Lisboa: Texto Editora (3ª Edição), 1996.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução: Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

- PLATÃO. *O Banquete*. Tradução: J. Cavalcante de Souza. São Paulo: 2ª Ed. Difusão Europeia de Livro, 1970.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução: Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1992.
- PLATÃO. *Laques*. Tradução: Francisco Oliveira. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- PLATÃO. *Protágoras*. Tradução: Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógia D'Água Editores, 1999.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KROEBER, Alfred. *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *Historia del Pesamiento Filosófico Y Científico: antigüedad y edad media*. Barcelona: Editorial Herder, Vol. I, 1991.
- SANTOS, Fausto. *Os Filósofos e a Educação*. Chapecó: Editora Argos. 2014.
- SERRES, Michel. *Hominescência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- SCHWENGBER, Maria. Linguagem Corporal. In: *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí. pp.267-269, 2010.
- XENOFONTE. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.

Sites

- Conceito de Paideia e de Arêê*. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/paideia/conceitodepaideia.htm>>. Acesso em: 20-04-2018. (Emerson Santiago).

